

FOLHA POLITICA E LITERARIA.

—SUBSCREVE-SE A 2\$500 RS. POR TRI-
MESTRE (13 NUMEROS) E VENDE-SE CADA
FOLHA AVULSA A 200 RS. NESTA TYP.

SABBADO 16 DE OUTUBRO.

MARANHAO TYPOGRAPHIA DA TEMPERAN-
CA, IMPRESSO POR MANOEL PEREIRA
RAMOS, NA RUA FORMOSA CASA N.º 2.

EXTERIOR.

INGLATERRA.

Londres, 14 de julho de 1847.

É uma reflexão séria e aterradora, a que se nos sugere por uma variedade de diferentes circunstâncias na actual posição política e social da França, corroborada por todas as informações que recebemos daquele paiz por diferentes canais, que a fé da nação francesa nas suas actuaes instituições está radicalmente abalada, e que as tendências obscuras do futuro, propõem mais para a mudança do que para a conservação. O que é que pôde causar maior incerteza, e mais fundas anticipações nos animos, do que o facto, de não existir no meio daquelle povo inquieto, ingênuo e poderoso, uma instituição com poder suficiente, um princípio de auctoridade universal, ou quasi que nem um unico homem publico cujo carácter não seja sujeito a pécha?

Nada resta para tornar dignos os instrumentos e guardas do poder político, quer pela obediencia, quer pela influencia de grandes talentos e exaltada virtude; nada para que o povo esteja soberbo de seus governantes, e satisfeito de sua condição; nada para esconder o grande erro de uma revolução popular, senão o fraco acampamento daquelles que tem estabelecido uma monarquia mimica sobre a cedea da lava que tem endurecido desde a ultima erupção do vulcão.

A força de um governo como o de França que confia por um lado em tradições não estabelecas de auctoridade, o por outro na obediencia, consiste em primeiro lugar na posse de grande força central mantida por uma enorme força militar; e em segundo lugar na fé da maioria da nação. Porém um governo não se sustentaria com sucesso por muito tempo, até mesmo dentro das fortalezas de Paris, se visse obrigado a confiar unicamente na sua força material, depois de haver perdido toda a sua consideração e aliança moral. A presente questão consiste em saber se acaso esta formidável mudança não tem já tido lugar em grande parte, em algumas das classes mais moderadas da sociedade; porque pôde ter ocorrido sem se haver manifestado na legislatura, mais abertamente do que o tem feito até no presente. A revolução de 1830 colocou a casa de Orleans no trono da França, e a esperteza do príncipe que ganhou a preza, tem-o habilitado para reviver todas as pretensões da raça, cujo nome e braço de armas forão proscritos e repudiados na hora do seu triunfo popular.

Os direitos do povo forão confiados

a 200.000 ou 300.000 eleitores que na realidade formavaõ uma oligarchia política, menos numerosa que a de Hungria ou a da república da Polónia; e o resultado tem sido uma legislatura caracterizada uniformemente pela sua devoção ao actual estado de cousas, porém muito destacada da grande maioria do povo. Na verdade, aquelle corpo de eleitores não representa a nação mais, do que os próprios representantes que elles mandão para o palacio *Elysée Bourban*; e talvez venha a suceder que quanto mais estes eleitores e seus delegados se tornarem mais sujeitos a influencia do ministro, e quanto maior for a maioria ministerial na camara dos deputados, tanto menos representem elles os desejos e o poder do paiz. Na França todos sabem, pois que ao menos tem-se aprendido esta verdade com 50 annos de revolução, que ha um ultimo recurso, dos gabinetes e das cauãras para um poder tremendo e irresponsável, o qual está sempre ou agridoado, ou supremo. O povo toma menor parte nos negócios publicos da comunidade, do que outros de diferentes estados onde as formas do governo são mais despoticas. A regra ordinaria é consentir nas decisões da auctoridade contanto que elles sejam peremptorias.

Si porém se fizesse conhecer ao povo frances que o governo que assumiu a guarda de seus destinos, se havia tornado desprezível e corrupto, e que havia desprezado os primeiros deveres por causa de interesses particulares, a obterem-se por meio vis, bastaria algumas semanas para lembrar ao paiz que sejam quais forem os delinquentes, elles formam apenas uma fraca minoria, e que uma comunidade democrática não tem motivos para respeitar aquelles que tem usurpado um monopólio de poder e lucros quando elles tem cessado de se respeitar a si mesmos. O certo é que em época nebulosa depois do abatimento daquellas convulsões que naturalmente se seguirão a revolução de julho, tem a sociedade em França aparcido tão fortemente abalada, ou a confiança que é a unica que pode sustentar as instituições do paiz, mais abatida entre aquellas vastas massas da população que não tem parte directa n-lhas. — Existe uma apariencia de desconfiança geral. As acusações publicas feitas contra alguns dos ministros, tem feito com que alguns dos principais membros do gabinete avancem mais profundamente no sistema de que elles eraõ apenas meros instrumentos; e o processo que agora se está fazendo contra Mrs. Teste e general Cubieres, talvez termine na condenação moral de outros que provavelmente não terão que aparecer a barra do tribunal. Justa, ou injustamente estas desagradá-

veis occurrences serão consideradas como uma amostra da forma por que é conduzido o serviço publico. Ha quatro annos que tiverão lugar as transacções de Gouhenans e durante todo este periodo os individuos que hoje estão sendo processados tem continuado n os primeiros círculos politicos de Paris, e um delles presidindo o tribunal supremo de apelações do reino. No entanto esses homens serão naturalmente condenados, por um roubo publico, tendo a consideração da coroa salbado tem livrados da resoluta e inexorável justiça de seus pares. Desde que ultimamente nos referimos a este caso, tem-se apresentado grande porção de evidencia em forma de cartas entre os diferentes interessados, muitas das quais criminaõ Mr. Teste, e deixão podendo ser dada sobre o haver-se elle vendido — A fuga de Mr. Pollaprat, e o interrogatorio do general Cubieres, no qual elle recorre as informações mais confusas e contradictorias são provas evidentes de sua criminalidade.

Naõ nos importamos com elles, o mesmo tem sucedido e pode suceder aos empregados publicos de outros paizes. Seria pouco generoso fazer uma censura geral por causa de um crime pessoal. Porém naõ é possivel desconhecer o facto de que uma suspeita fatal se tem levantado na França e em toda a Europa a respeito da probidade do partido que hoje governa, desde o primeiro até ao ultimo funcionario, e que similhante suspeita é tão perigosa quando é falsa como quando é verdadeira. — Aparecem ao mesmo tempo symptomas de renovação daquellas paixões, politicas que ha muito tem cessado de considerar a camara dos deputados como um campo proprio, e que naturalmente arrebentaria quando forem excitados por successos, ocorridos em lugar diferente.

E-te estalo de cousas faz lembrar a oposição que o seu verdadeiro poder naõ está na camara, mas sim no paiz; e com quanto elles naõ sejaõ mais puros que a longa lista de governos ephemeros, os que promovem, ou opositores da causa revolucionaria, tem no menos este ponto de ataque contra o actual estado da administracão.

A desordem das finanças publicas, e a acumulação de deficits excedendo continuadamente o ampio rendimento do estado, obrigaria por fim o ministro da fazenda a propor um emprestimo de 350 milhões de francos. — E ainda assim aquella quantia apenas representa uma parte diminuta do desperdicio, e redundante despesa da administracão, com um augmento continuado nas verbas de todas as repartições, com um exercito de novos empregados sustentados pelo estado, com a Algeria para ser conquistada, governada, e

até mantida a custa da França, e com enormes obras públicas que tem que concluir-se, ou ser auxiliadas pelo estado.

Por conclusão, um tal estado de coisas indica mais uma colheita temporária do que um sistema permanente que prevê o futuro ao mesmo tempo que melhora o presente. A dinastia do rei dos Franceses, e a construção política de 1830 é semelhante a todos os mais resultados da grande revolução, é um produto próprio e consumidor do tempo; e homens há que já se aventuram a perguntar que tempo durará uma máquina que se acha rodeada de tantos symptoms de proximo decaimento. (Times.)

—A situação dos Estados Pontifícios principiava a causar sérios temores aos gabinetes europeus. A resistência que o partido retrogrado fazia a todas as reformas por parte do governo, as exigências cada dia crescentes dos revolucionários do partido liberal, as intrigas da diplomacia e o carácter das publicações italianas tão propenso a exagerações, estavam já causando grandes embarracos a Pio IX. Havia já aparecido bastantes pasquins pelas ruas, e receava-se seriamente algum festejo. No dia 17 de julho, aniversário da amnistia, descobriu-se uma conspiração, e suspendeu-se os festejos. Havia já sido demitidos vários empregados civis e militares, inclusive o governador e chefe de polícia. No dia 14 tomou posse da pasta de ministro de estado o cardinal Ferreti em lugar de Mr. Gianni.

As notícias de Pariz alcanção a 24 de julho.

Mr. Pellafrat havia sido condenado pela camara dos pares a degradação dos direitos civis, e uma multa de 10,000 francos. A primeira parte desta sentença havia causado uma dolorosa sensação. Dizem que a demissão do marechal Soult havia sido admitida pelo conselho de ministros.

As diferenças entre a Grécia e a Turquia que pareciam resolvidas, complicaram-se novamente. A Porta não se dá por satisfeita da meia satisfação dada pelo gabinete de Atenas. Esta questão torna a ocupar os gabibetes europeus.

A dieta suíça depois de largos e animados debates havia-se pronunciado em favor da dissolução da aliança dos sete cantões, declarando esta como incompatible com o pacto federal. Esta decisão é de alta importância, principalmente pelo que toca á França e Áustria.

(Do Mercantil.)

AMERICA.

New York, 8 de junho de 1847.

LANÇO DE OLHOS SOBRE O PRESENTE E FUTURO DO MEXICO.

Se houvesse leitor paciente que lesse hoje os artigos, as apreciações, as predições, os comentários que dia por dia publica há quinze meses a imprensa quotidiana relativamente à guerra do Mexico, achar-se-hia, quando chegassem ao fim dessa recapitulação, muito mais desorientado do que estava antes de empreendê-la. Recurando a luz, chegaria ao caos.

A que será isto devido? Porque é os homens que tomáram por missão dirigir, ilustrar a opinião pública, não

tem apresentado sobre esta questão senão apalpadellas sem fim, previsões constantemente desmentidas? E porque a imprensa, que tem por tarefa escrever a história, irá, por ora, commetter o mesmo erro que commeterão todos, é que todos desde os homens politicos até os discutidores dos bivouacs dos cantos das ruas se transvirão querendo julgar a guerra do Mexico debaixo do ponto de vista de uma guerra ordinária.

A historia, que regista e commenta uma série de factos consumados, acha no seu encadeamento o seu conductor que deve guia-la em suas apreciações. Mas quando se é obrigado a seguir os sucessos passo a passo, o primeiro movimento do espírito humano é o de julgar o futuro pelo passado, procurar analogias, supor que todos os factos da mesma ordem podem trazer-se a um tipo quasi uniforme, e é isso o que se fez na circunstância actual.

Aquelles que julgavão pelas apparenças, e a administração que declarou a guerra foi a primeira a faze-lo, não virão na luta em que se empenhavão os Estados Unidos senão a historia da panela de barro e da panela de ferro; a seus olhos era uma questão de alguns meses quando muito, e certissima a paz depois da primeira victoria.

Aquelles porém, que pretendiam conhecer o Mexico, prediziam constantemente uma segunda edição da guerra da Hespanha.

Os primeiros esperavão um tratado depois da batalha de Palo-alto; esperarão o depois da tomada de Matamoros, depois da de Monterey, depois da ação de Buena Vista; contarão com elle depois da ocupação de Vera-Cruz, depois da victoria de Cerro Gordo; hoje estão em La Puebla, e ainda esperam; amanhã estarão no Mexico, onde contam conseguí-lo, e onde provavelmente verão outra vez malogradas suas esperanças.

Os segundos seguirão absolutamente a mesma marcha, bem que debaixo de ponto de vista diferente: apáz cada vez que sofrer o Mexico, previa uma sublevação geral, em cada guerrilha que surgia, viu o princípio de uma insurreição nacional, e ainda hontem cantava o triunfo de sua opinião ao receberem a notícia das escaramuças do Passo de Obejas e da Puentz Nacional.

E o mais é que a uns e outros ministraram os sucessos numerosos argumentos em favor da sua opinião. Este povo, que a princípio se submette pacificamente, e que depois sente velleidades de sacudir o jugo; esse exercito que foge em debandada após cada derrota, e que subitamente se reúne; essa capital, que successivamente parece querer abrir suas portas ou tentar os esforços de uma resistência desesperada, tudo isso se presta com maravilhosa elasticidade ás predições mais contraditorias. Por se ter querido tirar de cada facto induções demasiadamente logicas, é que todos nos Estados Unidos tem marchado, de um nino a esta parte, de surpresa em decepção.

Hoje finalmente comprehendem alguns espíritos esclarecidos, que esses sucessos de que á força se queria tirar consequências não eram senão efeito de uma causa latente; e em vez de procurarem o segredo do futuro nas peripécias da guerra, procuram-na na história íntima, e, se assim se pode dizer, na physiolo-

gia do povo mexicano. Reconhecem também que a situação nada tinha de normal, nada que pudesse prestar-se a conjecturas logicamente deduzidas; em uma palavra, que nesta guerra não se podia esperar causa regular, seguida, possível de prever.

De feito, a nação com quem os Estados Unidos estão em luta não tem nenhuma consistência, nenhuma estabilidade. Semelhante a esses terrenos leves e areposos cujas moléculas se tocão sem aderir uma á outra, os elementos heterogeneos que compõem o povo mexicano não formam esse compacto que serve de base a nacionalidade: é um solo moedijo sobre o qual nada pode subsistir, no qual em vão se tentaria lançar os alicerces de um edifício.

Assim é que se falla, sobretudo de certo tempo para cá, em partido da paz, em partido da guerra no Mexico. É um erro, senão na ideia, pelo menos nas palavras. Há gente que deseja uma ou outra destas causas; mas para reunir aquelles que a este respeito tem um só pensamento para que possam formar um partido, fôr mister uma força de cobiça que não existe. Talvez que a imensa maioria dos individuos seja pacífica; talvez também que haja muitos homens energicos capazes de compreender uma luta com os Estados Unidos; mas uns e outros estão em grupos separados, que, se as vezes e por um instante se unem, se tornam logo a separar.

A consequencia natural deste estado de causas é que a luta em que os Estados Unidos se achão empenhados é um dedalo de que só o acaso pôde dar o fio. Até o dia em que uma peripécia definitiva, hoje impossível de prever, reuna os partidários da paz em maioria forte, perpetuar-se-há a guerra pelo simples facto de que será impossível terminá-la por um tratado; e essa expedição, emprehendida no mês de abril de 1846 como uma espécie de passeio militar que não devia durar senão alguns meses, degenerará assim em uma occurrence indefinida.

Para evitar este resultado, que sob vantagens apparentes oculta mais de um inconveniente grave, propôz-se e diz-se que o governo de Washington tenciona instalar no Mexico um governo de facto, com o qual possa concluir esse tratado impossível, e com tudo indispensável para pôr termo á guerra. Mas o menor inconveniente deste expediente é que no dia em que o exercito americano deixar de pisar na capital, virá uma nova administração, que rasgará o tratado celebrado pela espada.

Encarando a situação debaixo deste ponto de vista, somos levados a perguntar, não sem inquietação, qual será o desfecho que o futuro nos reserva. Por longa que seja a ocupação do Mexico por parte dos Estados Unidos, forçosamente ha de ter um termo, a menos que se não pretenda absorver todo esse paiz. Ora, qual será esse termo? Quem o ha de determinar?

É essa uma questão demasiadamente grave, affastada e hypothética, para que seja necessário ou possível examiná-la na actualidade. Comtudo, acaba de ser agitada n'uma brochura, que segundo refiram os correspondentes, causou a maior sensação em Washington.

Esta brochura, escripta pelo coronel Matta, oficial mexicano prisioneiro de Cerro Gordo, impressa em Nova-Orleans e publicada em Vera Cruz, tem por título:

Reflexões sobre a guerra entre os Estados Unidos e o Mexico, e sobre as suas consequências. Depois de esboçar a história e o paralelo dos dous partidos belligerantes, explica o autor as razões por que ambos se enganaram nesta guerra. Uns crerão empenhar-se em uma empreza de curta duração; os outros entenderão a princípio que a guerra seria de protocolos e de artigos de jornaes, e posteriormente que o inimigo nunca chegaria ao coração da sua república. "Penso, diz elle, que suas dissensões internas lhes tinham ensinado a arte da guerra, esquecendo que o habito das desordens é o pior elemento de defesa." Phrase notável por sua concisão e energia justa.

Este erro dos dous povos lançou-os em uma estrada fúnesta, da qual porém nem um nem outro quererá agora recuar. Enquanto os Americanos persistirem em impôr a paz, os Mexicanos com o seu sistema de guerrilhas envenenarão as animosidades e tornarão o desfecho mais difícil. A guerra se eternizará nesta situação.

O coronel Matta chega pois às conclusões a que nós chegamos, bem que por via diferente. Não para porém ahi; leva suas previsões até as últimas consequências da ocupação americana.

Em sua opinião, essas consequências serão a intervenção europeia e o estabelecimento da realeza no Mexico. No Mexico nunca deixou de existir o partido monárquico, onde tem ainda raízes profundas. Silencioso hoje, levantará a voz logo que vir a nação cansada do jugo que sobre ella pesa. Proclamará então a intervenção europeia como único remedio possível a essa ocupação indefinida; lançará a república mexicana nos braços das velhas monarquias, que a salvaram sufocando-a. E pois os Estados Unidos, emprehendendo esta guerra, terão tirado as castanhas do fogo para que outrem as coma.

Esta perspectiva de uma intervenção europeia no continente americano é tanto mais ameaçadora, na opinião do Sr. Matta, quanto, chegando a pôr o pé no Mexico, não parará ali a realeza, e sentirá a propria União os efeitos da sua vizinhança. A guerra, levada as suas últimas consequências, deixaria, além disso, nos Estados Unidos, um germen fatal de dissolução: o espírito de ambição e de conquista que fez perecer todas as antigas repúblicas.

Esta exposição, que abrange o passado e o futuro da questão mexicana, termina por um appello aos homens judiciosos de ambos os países. A elles compete reparar o erro que se commetteu, e prevenir as consequências que elle prepara, primeiramente Mexico, e depois em toda a América.

Estamos longe de aceitar no seu todo o trabalho, aliás notável, do coronel Matta. Estamos porém de perfeito acordo com elle sobre dous pontos: 1.º, que desgraçadamente a estrela da paz não brilhará tão cedo no horizonte; 2.º, que a guerra é contraria aos interesses de ambos os países, e que, quanto mais se prolongar, tanto mais difícil será prever e conseguir o seu desfecho.

FRANÇA.

Paris, 24 de julho de 1847.

* Na alguns dias que correm boutei resolueu intimar aos cantões cathólicos a

de crise ministerial. Fala-se da demissão do marechal Soult e de ter sido chamado á capital o marechal Bugeaud. O facto é o seguinte: o marechal Soult e o Sr. Teste são amigos íntimos, tanto que o primeiro poucas vezes foi encarregado de organizar um ministerio sem conservar uma pasta para o segundo. A desgraça de Teste inspirou, segundo parece, ao marechal Soult tal aversão á vida pública, que manifestou a el-rei a sua firme resolução de retirar-se á vida privada. O conselho de ministros, vendo que seria inuteis todos os esforços que se fizessem para desviar o marechal da sua resolução, aconselhou a el-rei que aceitasse a demissão. Para substitui-lo lembrarão o marechal Bugeaud; mas el-rei conhecendo os desejos que tem o Sr. Guizot de ser presidente do conselho, ofereceu-lhe este cargo.

O unico obstáculo que se apresentava para a elevação do Sr. Guizot eram as pretensões do Sr. Duchatel, que alargava os meios que tinha para trazer á camara deputados que sustentem a todo transe o gabinete. As encontradas pretensões dos dous ministros estiveram a ponto de produzir um rompimento estrépito; mas por fim conseguiram os amigos fazê-los concordar, resultando dahi a nomeação definitiva do Sr. Guizot para o cobiçado posto da presidência do conselho.

Para celebrar este desenlace da el-rei ante-hontem um banquete nos ministros no palacio de Neuilly, ao qual faltou só o Sr. Salvandy, por causa da sua gota. Comtudo o Sr. Guizot não tomará publicamente o título do seu novo cargo senão depois de voltar dos banhos. Parece que se adia a sua nomeação oficial para aguardar o resultado das eleições em Inglaterra: se estas derem a maioria ao gabinete whig, tratará o ministerio frances de consolidar-se para resistir aos ataques da oposição e às complicações que venham de além do estreito, pois é sabido que a presença de lord Palmerston no gabinete inglez sempre foi um obstáculo para a política conservadora do governo francês. Conjectura-se que para essa época sahirão do ministerio os Srs. Cunin Gridaine, Jair, Trezel e Salvandy: mas estas conjecturas não tem por ora senão os fundamentos que anunciam.

Para o encerramento da sessão das camaras não se espera senão que a camara dos pares vote o orçamento, o que se presume terá lugar antes de 7 de agosto.

E de recerar que haja desordens nas festas de julho. O governo teve denúncia de que o partido republicano intenta fazer algumas demonstrações tumultuosas. Por este motivo tomára-se todas as providências que se julgão necessárias para evitar que seja perturbada a tranquilidade publica. A tropa permanecerá nos quartéis nos dias 27, 28 e 29, e nos lugares de grande concorrência haverá patrulhas fortes para manterem a ordem. Entretanto fazem-se preparativos para que as festas sejaão brilhantes, e as aléas dos Campos-Elysios estao cheias de operários que trabalham nas decorações para a iluminação geral que se crê será mais lúzida do que a dos annos anteriores.

O governo recebeu despachos da sua embaixada na Suíça, participando que a Dieta por maioria de doze votos e meio

dissolução da liga. Como estes cantões estao resolvidos a oppôr-se á intimação com as armas na mão, é iminente a guerra civil. O governo portanto decidiu mandar um exercito de observação para a fronteira, cujo commando parece ser confiado ao marechal Bugeaud.

(*Jornal do Commercio.*)

MARANHÃO.

—A Comissão Central da Liga Maranhense reuniu-se hontem à noite em casa do seu Presidente o Sr. João Francisco Lisboa, e tomada em consideração as propostas que lhe tem sido endereçadas dos diversos círculos eleitoraes da Província, sobre os cidadãos que a devem representar na Camara dos Deputados; organizou a chapa constante da Circular abaixo transcripta.

Acharão-se presentes os Srs.—Lisboa—Coronel Isidoro—Sotero Jansen Ferreira—Theophilo—Serra—Marcolino de Lemos—Desembargador Lobato—Cassio—Pereira Cardoso—Dias Vieira—Macedo—e Altino; faltando com causa participada os Srs. Sabino e Machado. A votação foi a seguinte—o Exm. Sr. Franco de Sá, 12 votos—Dr. Furtado, 11—Dr. Fabio, 11—e Dr. Lisboa Serra 10.

Circular da Comissão Central da Liga Maranhense aos eleitores da Província.

Ilm. Sar.

—A Comissão Central da Liga Maranhense, tendo recebido as requisições dos diversos pontos do interior a cerca dos candidatos que devem preencher os quatro lugares de deputados geraes, atendendo ao voto mais geral, e pesando maduramente as necessidades e interesses do partido, tem a hora de apresentar a votação dos collegios eleitoraes da Província, os quatro seguintes cidadãos, dignos a todos os respeitos de tam subida distinção.

Dr. Joaquim Franco de Sá, Presidente da Província.

Dr. Fabio Alexandrino de Carvalho Reis, Procurador Fiscal do Thesouro Provincial.

Dr. Francisco José Furtado, Juiz Municipal e Lavrador.

Dr. João Duarte Lisboa Serra, Inspector da Thesouraria da Província do Rio de Janeiro.

A Comissão confia que V. S. cooperará para o triunfo desta lista não só com o seu voto, mas empregando os seus valiosos esforços para que lhe sejam dados os dos mais eletores desse distrito.

A Comissão em tempo opportuno o breve apresentará igualmente a V. S. a lista dos deputados provinciales que se apuraram.

Dos Guarda a V. S. Maranhão 14 de Outubro de 1847.

Seguem-se as assinaturas dos membros da comissão.

(*Do Progresso.*)

A REVISTA.

Maranhão 16 de Outubro.

—Antehontem a comissão central da

Liga maranhense concordou, pela forma que deixamos extractada do Progresso, nos 4 cidadãos que devem ser apresentados aos diferentes collegios eleitoraes da província, como candidatos á representação nacional pelo partido. Todos 4 são pessoas muito recommendaveis e distintas pelos seus talentos, ilustração, patriotismo, e muitas qualidades exigíveis para tão importante cargo como o de deputado. Tão acertada julgamos a escolha da comissão nos Srs. Joaquim Franco de Sá, Fabio Alexandrino de Carvalho Reis, Francisco José Furtado e João Duarte Lisboa Serra, que quando a liga não tivesse feito outros serviços, bastava esse para merecer-lhe as sympathias do paiz. Compare-se esta combinação com todas as que se tem apresentado nas eleições anteriores por parte dos diversos partidos que se disputavão o campo, e ver-se-ha que é uma das mais felizes de que se podia lançar mão, ou se attenda ao merito dos individuos, ou a sua posição social. Os nossos deputados são poucos, e como não podem fazer peso na camara pelo numero, como as deputações de Minas, Bahia e Pernambuco, devem fazel-o pelas suas qualidades pessoais. Ora as qualidades pessoais dos 4 candidatos ligueiros são tais e tão eminentes, que lhes assegurão o respeito e consideração do que deve procurar cercar-se uma deputação tão pouco numerosa para bem desempenhar o mandato de seus constituintes. E apellamos para a sua perior capacidade do Sr. Franco de Sá, seja como administrador, seja como deputado, para a trancendencia de talentos e aptidão parlamentar que desenvolverão na assembléa provincial os Srs. Fabio e Furtado; e para a motoriedade dos talentos e aptidão do Sr. Lisboa Serra. Assim é de esperar que este voto da comissão ligueira, maduramente combinado com o interesse público, mereça o assenso da grande maioria dos eleitores da província.

Devemos acrescentar que antes de confeccionar-se a chapa, declarou o Sr. coronel Izidoro Jansen Pereira, que desistia das pretenções que tinha de apresentar-se candidato á deputação geral, em beneficio da harmonia que devia reinar entre todos os ligueiros. O generoso desinteresse deste nosso amigo político é por certo digno dos maiores elogios, attenta a grande popularidade de que goza; e assim lhe expressou a comissão pelo orgão do seu presidente o Sr. João Francisco Lisboa.

Em consequencia de ordem imperial marchou hontem para Pernambuco o 3.º batalhão de fuzileiros com o seu digno chefe, o Sr. Tenente Coronel Feliciano Antonio Falcão. Para recommendar a disciplina e moralidade deste corpo, basta dizer que é elle filho da escola do bennemrito oficial que o comanda. O Sr. Falcão é um militar distinto pela sua pericia e conhecimentos profissionaes: distinto pela sua bravura, honra e sisudez; distinto pelos relevantes serviços que prestou à esta província nas crises as mais arriscadas; e pela lealdade do seu carácter sempre mereceu a confiança de todos os governos com quem serviu. Desnecessario porem é tecer-lhe aqui o elogio, porque todo o Maranhão o conhece, e Pernambuco terá occasião de conhecê-lo, e avaliar-lhe o mérito. Oficiaes como o Sr. Falcão em

qualquer parte onde se achem, não de ser devidamente apreciados pela nobreza do seu procedimento. Grandissimo fui o numero de cidadãos que concorrerão à rampa a despedir-se deste illustre maranhense que deixou geral saudade, porque era geralmente estimado e respeitado de todos os seus compatriotas sem distinção de crengas.

A imprensa da camarilha.

O Observador a força de ser atroz passa a ser ridiculo e nauseabundo: no seu furor de deprimir a administração, não lhe pecha que lhe não ponha, e calunia que lhe não assaque, chegando, até a atribuir-lhe os crimes que se commetem no seu tempo, e outras babuzeiras destas. De escrever por semelhante maneira só é capaz o Sr. Cândido Mendes que conclui a final um dos seus *terríficos e phantasmagóricos* artigos aconselhando resistência, e mais resistência.... O Estandarte, esse repeete a calunia assenhada pelo seu *consciente* colega de —que o Sr. Dr. Carlos Fernando Ribeiro fizera parte do grupo que passou na noite de 2 de outubro pela casa do Sr. Corrêa—, e publica mais por sua conta e risco uma representação que diz que o commercio desta praça dirigira ao presidente da província sobre a partida do batalhão 3.º, e fôra repellida. Não ha mentir assim, pois nem tal representação foi dirigida ao presidente, nem no menos foi assinada pelos negociantes; e se não o Estandarte que publica as assinaturas. O que se infere de tudo isto é que a camarilha tinha feito esse borrão que estampou, e que foi repelida pelo corpo de commercio.

Causa asco ler escriptos como o Observador e o Estandarte onde a verdade vem sempre desfigurada, e as mentiras assoalhadas a montes. Mas para voltar ao primeir cujo fraco é o *terrível*, não podemos deixar de *arrpiar-nos* com a leitura do seu artigo—O Maranhão está a precipitar-se!—enquê deparamos este trecho por causa das demissões de alguns empregados de mera confiança, como agentes policiais: “O governo vive tranquillo e seguro, e as demissões *chocam as montes*, e as *listas negras de proscrições* são levadas a palacio por vilissimos espíões!” e este outro, quando o batalhão 3.º marcha para Pernambuco: “Temos soco e os destacamentos são elevados *por toda a parte, as guardas municipadas rum poltrona e bolla!*!” Escusado é dizer que não ha tres guardas municipadas, e que a elevação dos destacamentos por toda a parte, está em contradicção manifesta com a saída da tropa, o que nos resta a vista desses e outros *bocadinhos de ouro* que encerra o artigo, é admirar o *genio inventivo* do Sr. Cândido Mendes que tem queda para compor tragedias como aquela de—Nero em fralda de camisa—cujo plano nos é traçado por certo poeta de entremez.

Entretanto pouco ou nada engracamos com esses *quadros de juízo final* que nos apresenta constantemente o Observador, mais sal achamos, a dizer a verdade, em uma pilharia dessas como a *representação do Estandarte*. Podemos ter mau gosto, mas são gostos e sobre gostos não ha disputa. Eis o que é a imprensa da camarilha, si as ficoções mais ou menos

terríficas e brutescas adiccionarmos os berros e desentoados clamores com que apelão para resistência e mais resistência não sabemos a que, pois a questão que se ventila é de votos. Estes Srs. pelo que enxergamos, parece que se estão sangrando em saude para fazerem alguma das suas.

—Cite o Estandarte o n. da Revista de que extrahiu o artigo que publicou no seu n. 20.

AVISOS.

NOVO SORTIMENTO DE Fazendas francesas

Chegadas de proximo por Inglaterra pelo Navio Stirlingehire, acha-se à venda na loja de Agostinho José Rodrigues Valle, rua do Nazareth n.º 27, constando de chapéus de pello de seda de superior qualidade para homens e meninos, ditos de sol de seda com franjas, bordados e lisos para senhoras e meninos, ditos de 26, 28 e 30 polegadas para homens, plumas de cores para enfeites de chapéus de senhoras, luvas de seda bordadas finas, ditas de pelica para homens e meninos, meias de seda sortidas para senhora e meninas, ditas pretas fortes para homens, ditas encarnadas para conegos, lenços de gaze e de setim com franjas para senhoras e meninas, ditos proprios para homens, mantas pretas e de cores para dito, chales, mantas, e leques para senhoras, lenços de canibraia de limho, ditos de sedas de cores para algibeira, rendas de blond e de seda, pano super fino de todas as cores para cazaça, caximiras verde, amarela, e encarnada, irlandes, platilhas, e bretanhas muito finas, pano para toalhas de meza, e outros muitos objectos que se vendem muito em conta.

—No Armazem de Manoel Antonio dos Santos, ao trapiche, ha excellente carne de garajão, para vender.

—João Joze de Lima vende a botica que comprou a Jucundino Antonio da Silva, no largo da Conceição, por muito menos do que lhe custou.

—Papel d'impresão em grande formato, e de muito boa qualidade: vende-se nesta Typografia.

—Charutos da Havana superior: qualidade à avenda em casa de Season & C.º rua de Nazareth.